

POR UMA PEDAGOGIA DA MEMÓRIA: O PROFESSOR NO RESGATE DA HISTÓRIA INDÍGENA NO BRASIL

Danielle Dias Bandeira¹
Patrícia Carla da Hora Correia²
Daniela Fernanda da Hora Correia³

RESUMO: *Este artigo busca discutir a importância da formação e atuação do professor para está discutindo a formação do povo brasileiro, principalmente no diz respeito aos indígenas. Apresenta a Pedagogia da Memória como sendo a possibilidade de garantir essa discussão no espaço escolar sem perdas para os índios.*

Palavras-chave: Índios; Pedagogia da Memória; Formação do professor

Começamos este artigo nos reportando às indagações iniciais de Supertramp: “Quem sou eu?” Como a minha, a nossa identidade é formada considerando as atuais configurações de poder hoje instauradas na sociedade? Difícil admitir que a sociedade pós-moderna não contribui para a construção da nossa identidade, daí como falarmos em multiculturas se não falamos em identidades híbridas (CANCLINI, 2008) ou móveis (HALL,2006).

Será que os indígenas possuem identidades genuínas considerando o arsenal de recursos materiais e imateriais que recaem sobre eles, mesmo identificando as comunidades mais longínquas e fechadas? Será que a escola hoje busca alcançar a nova concepção dessas identidades construídas, flutuantes e algumas vezes oscilantes através de uma Pedagogia da Memória? Neste artigo buscaremos discutir essas concepções, permeando entre o sujeito, sua identidade, sua alteridade.

Atualmente os professores apresentam aos seus alunos as discussões sobre os indígenas com certos equívocos sobre a sua participação na história do Brasil, sua contribuição étnica, social e política ontem e hoje. Na formação acadêmica do professor pouco se discute sobre a questão indígena na escola. Estes não possuem base teórica para questionar a ação do índio e em sua maioria quando apresenta o conteúdo em classe apresenta sempre com o viés do colonizador. Isso se traduz muitas vezes em uma versão perversa, o que coloca o índio sempre como algoz e nunca como vítima de um processo mortal de colonização.

Falar do índio hoje envolve o reconhecimento por parte dos não-índios e de auto reconhecimento por parte dos próprios indígenas, pois muitos em função do próprio desrespeito

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Adventista da Bahia e integrante do NEIRBA (Núcleo de Educação Inclusiva do Recôncavo Baiano). Autor

² Professora da Universidade do Estado da Bahia e Coordenadora do NEIRBA. Doutoranda em Educação – UFBA e Mestre em Educação Especial – CELLAEE/ UEFS. phora@uneb.br. (71)33126437. Autor

³ Subcoordenadora da CENAP – Prefeitura Municipal de Salvador e Integrante do NEIRBA. Especialista em Educação. dandahora@gmail.br. Autor

e pobreza que vive não aceitam a sua situação de indígenas, isso se dar principalmente com os índios mais jovens que sobre a influência de outros (não-índios) preferem lidar com as questões da contemporaneidade esquecendo-se dos ritos antepassados. É claro que não podemos negar que muitas organizações indígenas e os próprios indígenas hoje buscam formas de fortalecer o vínculo do índio com o índio, do índio como possuidor de uma cultura própria, milenar e única.

Atualmente se vive em uma sociedade de constante transformação que jamais alcançará o equilíbrio social, isso faz com que muitas vezes ocorra um sentimento de perda das raízes dos indivíduos que ao se submeterem as normas estabelecidas podem esquecer muitas vezes as tradições, isso gerado pelas constantes trocas de modelos, de consumo, de migrações e mobilidade social.

As dicotomias como ser e fazer, global e local encontram-se em transformações enquanto geram mais força nas idéias de pertencimento, identidade nacional, etnicidade, sexualidade etc. Mesmo assim o indivíduo é compelido, muitas vezes por força de um mercado dominante e problematizador a violentar-se e incorporar uma identidade de outrem permeada por máscaras e disfarces. Entretanto o poder hegemônico tem interesse em unificar culturalmente a sociedade para impor controle entre indivíduos e grupos de seu interesse e desta forma potencializam ações que nos leva a assumir papéis contraditórios muitas vezes chegando ao naturalismo e utilitarismo.

Outra consequência que se apresenta em função da questão acima tem sido a crescente relevância que se dá aos grupos minoritários. Os protestos e lutas pelo reconhecimento da identidade cultural e direitos é cada vez mais crescente, neste sentido crescem também as políticas públicas que conduzem a discussão dessas minorias étnicas, sociais ou morais que muitas vezes se transformam em regras, normas administrativas e educacionais.

Touraine (1999) afirma que muitas vezes as políticas identitárias nem sempre trabalham em prol das minorias se opondo as ações reivindicatórias, apresentando barreiras e dificuldades para que essas se estabeleçam e com regras e normas que muitas vezes inibem a expressão desses grupos. Daí como fica neste cenário a idéia de multiculturalismo, já que o poder dominante muitas vezes impede a manifestação cultural, política e social das minorias muitas vezes camuflando ou escamoteando uma realidade para TODOS que não serve realmente a todos, mas a um grupo que está mais organizado e articulado apresentando por isso mais força de manipulação. Pois o que se vê é que cada vez que uma categoria tem colocado ações a serviço exclusivamente de sua diferença arrasta consigo a violência e pode provocar reações adversas, como é o caso da luta pela terra ou busca por melhores escolas de alguns grupos indígenas.

É importante considerar que só podemos viver juntos se nos reconhecemos como sujeitos (TOURAINÉ, 1999). Pois ao passo que vemos o outro apenas como indivíduo não legamos a ele o seu direito como cidadão, mas se o encaramos como sujeitos, produtor da sua cultura, feixes de possibilidades e ser inacabado estaremos contribuindo para a sua cidadania. As minorias são consideradas muitas vezes como massa de manobra, marginalizadas e estigmatizadas se consideramos os seus pares como indivíduos e hoje mesmo diante deste contexto apresentam luta, força e podem ter representação social assegurando uma liberdade política. Assim como encarmos o multiculturalismo?

A forma mais direta que podemos evocar o multiculturalismo é encará-lo como “encontro das culturas” (TOURAINÉ, 1999), conjunto culturais constituídos com a sua identidade, lógica definida, especificidades. A grande questão é reconhecermos o índio como sujeitos e construtores de um processo histórico. São povos com legados importantes para a nossa história. A própria educação indígena se faz no dia a dia. E aqui cabe uma ressalva que educação indígena não é educação escolar indígena. Talvez seja importante enfatizar que a educação escolar indígena surgiu como uma forma de subversão, pois os próprios jesuítas possuíam três estratégias: subverter as lideranças, doutrinar os jovens e exterminar os pajés. Estes últimos eram fontes de liderança e garantiam por sua vez as raízes indígenas. Os jovens eram catequizados e dessa forma obedeciam. A metodologia aplicada inicialmente era criar homologias para os “ícones” da igreja católica, relacionando-os com os deuses indígenas e isso Anchieta fazia a partir de peças teatrais na tentativa de mostrar o terror dos deuses dos indígenas e dessa forma buscava seduzir as crianças que logo ao se tornarem jovens voltavam aos costumes do seu povo. (MONTEIRO, 1999)

Entretanto, a educação escolar indígena hoje é sinônimo de reivindicação. Os índios procuram a partir da escolarização lutar por seus direitos, reconhecer identidades e disseminar a sua cultura.

O Brasil é um país de grande diversidade cultural por isso deve se pensar nessa temática como algo do nosso cotidiano, não como o índio do dia 19 de abril ou como um povo só, os índios são pessoas como nós também, não são todos iguais, não são mitos folclóricos. O professor deve levar a imagem do índio de hoje lutando pelos seus interesses, não com flechas nas mãos pescando e caçando. O índio hoje possui suas próprias leis e essas leis lhes custaram muito trabalho, estudo e determinação, e não é justo que os professores e provocadores do saber tenham ainda uma idéia ultrapassada sobre o índio.

O professor deverá ter plena consciência de sua influência sobre o aluno e como este irá pensar o índio a partir das inquietações do professor. O índio deve ser visto hoje como alguém que ocupa o seu espaço na sociedade, reivindica seus direitos e luta para manter suas raízes no mundo secular que vivemos.

O professor deve ter consciência da importância de estar sempre estudando sobre as conquistas do índio, deve saber relacionar a história do índio no passado e o de hoje e não negligenciar nem a história de ontem e nem a de hoje.

Os professores devem estar preocupados em levar o aluno a refletir sobre a diversidade cultural que temos no nosso país deixando assim de continuar no etnocentrismo que está presente nas escolas brasileiras.

O Brasil é um país de grande diversidade cultural por isso deve se pensar nessa temática como algo do nosso cotidiano, não como o índio do dia 19 de abril ou como um povo só, os índios são pessoas como nós também, não são todos iguais, não são mitos folclóricos. O professor deve levar a imagem do índio de hoje lutando pelos seus interesses, não com flechas nas mãos pescando e caçando.

O índio hoje possui suas próprias leis e essas leis lhes custaram muito trabalho, estudo e determinação, e não é justo que nós como professores e provocadores do saber tenham ainda uma idéia ultrapassada sobre o índio.

Infelizmente o índio tem perdido um pouco de sua história e o medo de antropólogos e historiadores é que com o tempo os índios se misturem tanto que sua origem, seus costumes deixe de existir, porque os poucos que tem aqui estão perdendo as tradições e colocando coisas que antes não existiram.

Vale ressaltar que essa situação provém das muitas dificuldades que o índio vem enfrentando ao longo dos anos. A luta por terras, pelo espaço que lhe pertence, obrigou o índio a estar sendo incluído na sociedade, na política, na economia para reivindicar seus direitos.

A falta de interesse por parte do poder político do nosso País tem comprometido parte de nossa história e costumes. Em especial os índios do Nordeste, enquanto os índios da Amazônia conseguem ter suas terras, os índios do Nordeste não tem tanta facilidade assim. Cabem agora a pessoas comprometidas com a cultura do nosso País e aos jovens estudantes se aprofundarem na questão do índio no Nordeste.

POR UMA PEDAGOGIA DA MEMÓRIA

Diante da necessidade do reconhecimento da identidade indígena cabe a instituição escolar organiza-se curricularmente para uma Pedagogia da Memória (LEITE, 2002) Uma pedagogia que considere as nossas tradições e as suas implicações no presente. A escola deve trabalhar com o local e o global, com o ontem e o hoje, com o espaço e o tempo discutindo a memória coletiva, respaldando-se no pessoal e individual.

O trabalho docente deve girar em torno da interdisciplinaridade e da transversalidade, abordando estratégias de forma a valorizar a dimensão local de forma a tecer aproximações e possibilitar transformações. O conceito de geração ganha sentido histórico visto que as imagens do passado são transmitidas e sustentadas em sua qualidade de construção cultural – dimensão local e a pertença a uma geração é garantida pela cultura partilhada. E a escola tem o papel de trabalhar com o multicultural, reconhecendo a alteridade e sentimento de pertença para que os seus autores possam reconhecer a sua identidade.

O que se pretende é que com uma pedagogia da memória possa-se contribuir para a transformação da sociedade. Não uma sociedade que vincule a hegemonia dominante, mais uma sociedade para todos e com todos, pois não é possível transformar a sociedade sem um verdadeiro convívio na diferença.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Pedro (org.). *O Índio na Bahia*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO DA BAHIA- ANAÍ; COORDENADORIA ECUMÊNICA DE SERVIÇOS - CESE. 2ª ed. Salvador: [s. n.], 1992. Cartilha.

BANDEIRA, Fábio Pedro Souza de Ferreira. *Etnobiologia Pankararé*. Salvador: [s. n.], 1993. Monografia.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e sair da modernidade*. Tradução da introdução Gênese Andrade – 4ª edição. 4ª reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOLDMANN, L. *Dialética e Cultura*. Tradução Fernando H. Cardoso, Carlos Coutinho e Gisela V. Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, Ágnes. *Cotidiano e história*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAPLANTINE, Francois. *Aprender antropologia*. São Paulo. Brasiliense, 1988.

LEITE, Juçara Luzia. *História III. Módulo de Educação à distancia*. Universidade Federal do Espírito Santo. Núcleo de Educação Aberta e a distância. 2002.

MAIA, S. M. *Os Pankararé do Brejo do Burgo: campesinato e etnicidade*. Salvador, 1992. Monografia (Bacharelado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

MONTEIRO, Jonh. *Negros da Terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

TOURAINÉ, Alain. *Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999